

## **A Marginalização das Pessoas Infectadas Inibindo a Educação Para a Prevenção do HIV<sup>1</sup>**

*José Antonio Trasferetti*

### **Introdução**

Entrevistei uma pessoa chamada Agnaldo da Silva. Ele tem 25 anos e mora na cidade de Campinas/SP. A cidade, hoje, tem aproximadamente 1 milhão<sup>2</sup> de habitantes e está localizada na região Sudeste do Estado de S. Paulo. Agnaldo é casado há cinco anos e tem dois filhos, um de cinco anos e outro de um ano. Atualmente recebe ajuda da “Associação de Apoio a Portadores de AIDS Esperança e Vida”<sup>3</sup>. Desconfiou que estava contaminado por causa de uma forte diarreia que não parava e febre alta. Resolveu fazer um exame e o resultado foi positivo. Este momento foi muito difícil e ele pensou que sua vida tinha acabado. Começou a usar álcool todos os dias e a fumar. Não tinha estes vícios, mas devido à dor do resultado tomou estas atitudes visando a sua própria autodestruição. Recebeu ajuda dos seus familiares mais próximos. Muitos o discriminaram, tendo inclusive pessoas da sua família que não conversam com ele até hoje. Quando chegou na “Casa Esperança e Vida” estava bem abaixo do seu peso normal. Depois de um período de tratamento está bem mais

1. Texto originalmente publicado em inglês: *Encountering a Brazilian Man Abandoned in His Illness*. KEENAN, F. J., *Catholic Ethicists on HIV/AIDS Prevention*, New York/London, Continuum, 2000. Este trabalho será apresentado em setembro/01 no Congresso Teológico para discutir a questão da Aids e Teologia promovida pela Cáritas Internacional, em San Salvador – El Salvador.
2. A população oficial de Campinas é de 967.921 pessoas. Fonte: IBGE, censo 2000.
3. A “Associação de Apoio a Portadores de AIDS Esperança e Vida”, nasceu em fevereiro de 1990, mas foi reconhecida em abril de 1992. Roberto Geraldo da Silva foi fundador e ainda é o atual presidente. Através desta casa são atendidas 220 pessoas infectadas com o vírus, sendo que 26 são moradoras da casa. Ela se mantém através de convênio com a Federação Assistencial de Campinas (FEAC), da Prefeitura Municipal além de doações das Comunidades.

forte e bem mais contente com a vida. Sua vida mudou radicalmente depois da triste notícia.

Agnaldo não sabe exatamente como contraiu o vírus. Sempre teve um comportamento considerado “normal” pela vida que levava. Não tinha envolvimento com mulheres de “má fama”, tomado ou injetado drogas. Segundo seu pensamento e, neste ponto, ele demonstra bastante convicção, contraiu o vírus através de uma “tatuagem” que fez no meio de uma favela. Não tem absoluta certeza, mas não tira da sua mente que a agulha com a qual fez a tatuagem estava contaminada com o vírus. Agnaldo afirmou ainda, que um outro amigo que também fez a mesma tatuagem está contaminado, demonstrando dessa maneira que sua afirmação procede. Antes de ser contaminado, Agnaldo não tinha maiores conhecimentos sobre Aids. A sua presença na “Casa Esperança e Vida” foi fundamental para a superação do choque inicial e para a sua educação sobre o significado e sentido da Aids. Quando visita casas de amigos, ou frequenta clubes sociais, apesar de enfrentar obstáculos, já sabe como conversar e aproveitar a ocasião para educar as pessoas. Ele era Católico, mas não tinha participação assídua na Igreja.

Hoje, entretanto, sua vida religiosa ganhou um novo paradigma. Em todos os momentos procura lembrar de Deus, agradecendo noite e dia todas as maravilhas que recebe do Senhor. Agnaldo continua frequentando esta casa de recuperação e convive com a sua família procurando levar uma vida normal.

## **Principais elementos para reflexão**

Hoje, em nosso país é preciso muita atenção à vida nos seus mínimos detalhes. A vida corre perigo! Se nos anos 50/60 os jovens podiam brincar na rua, jogar bola, pular cerca e tantas outras brincadeiras sem correr grandes perigos, hoje, no início do Terceiro Milênio, precisa-se tomar muito cuidado. Qualquer descuido pode ser fatal. Não precisa ser de “grupo de risco”. Segundo o Ministério da Saúde, o aumento de casos por via heterossexual fez-se acompanhar de uma expressiva participação das mulheres no perfil epidemiológico da doença, constatada na progressiva redução da razão de sexo

entre todas as categorias de exposição, de 24 homens : 1 mulher, em 1995, para 2 homens : 1 mulher, em 1999/2000<sup>4</sup>.

No Brasil, em 1981, a noção de “grupo de risco”, principalmente entre os homossexuais, era muito forte. Já em 1982 começa a surgir entre os hemofílicos. De certa forma, a idéia de “castigo”, começa a ser questionada e uma atitude hipócrita da sociedade, eu diria, começa a ser construída na medida em que a sociedade vai classificando os portadores como “culpados” e “vítimas”, com a chegada do grupo de hemofílicos, vítimas das transfusões de sangue. Depois, em 1985, os usuários de droga injetáveis fazem com que a idéia de grupo de risco e de culpa sobre as pessoas portadoras do vírus da Aids volte a ser usada, pois a Aids de certa forma, explode nesses grupos de usuários de drogas. Em 1987, ela atinge os heterossexuais: os promíscuos, os que trocam de parceiro e também os não promíscuos.

Em 1990, o grupo das mulheres passa a ser o grupo mais vitimado pelo vírus. Até então para cada 36 homens contaminados pela doença existia apenas 1 mulher e a própria idéia masculina de Aids que foi vendida na década de 80, fez reforçar essa falsa segurança de que a Aids é doença de homem.

Primeiro o homossexual masculino, segundo o hemofílico, mesmo porque a mulher não tem hemofilia, em terceiro o usuário de droga injetável, que na maioria é do sexo masculino, e por último o heterossexual promíscuo masculino. Então, essa idéia masculina de Aids foi muito vendida, principalmente pelas campanhas públicas de massa. Daí então, isso reforçou nas mulheres que a Aids é doença de homem.

De 1990 para cá, não se fala mais no Brasil da categoria, grupo de risco para Aids, mas em “comportamento de risco” ou “situação de risco”. Comportamento de risco seria alguém que teria tido uma relação sexual de risco nos últimos dez anos, ou seja, com parceiro desconhecido, ou que ela julgava não conhecer suficiente. Alguns até questionam isso porque a menina está pegando vírus do namorado, por exemplo, o namorado que ela está há mais de um ano junto. Será que a gente pode dizer que um relacionamento é seguro? A cam-

4. Fonte: Ministério da Saúde. Estatísticas. Brasília, 2000.

panha pública antigamente falava: “Reduza o número de parceiros”, e a Aids continuou a crescer. Depois, foi outra campanha: “Fique só com o seu parceiro”, e a Aids continuou crescendo... Não se sabe até que ponto pode-se chamar de “sexo seguro” ou relacionamento seguro uma pessoa que acaba contraindo o vírus do seu marido, namorado, dentro de casa e por aí fora.

A proporção da Aids entre homens e mulheres, desde 1997 vem se mantendo na ordem de dois para uma. No entanto, os dados comprovam que isso já inverteu, “em 229 dos 1.552 municípios que notificaram pelo menos 1 caso de Aids no período 99/2000. A maioria desses 229 municípios (70%) tem população menor ou igual a 50 mil habitantes, e a transmissão da Aids é predominantemente heterossexual. Entre as mulheres, 57% são donas de casa, em todos os níveis de escolaridade, na faixa etária de 20 a 39 anos. Essas ocorrências representam 5% dos casos registrados em todo o País até meados deste ano” (2000, p. 01).

O total acumulado de notificações, até “junho de 2000, é de 190.949 casos” (2000, p. 01). Esse número representa aumento de 12% em relação a novembro de 99, nesta questão foram registrados 179.541 casos<sup>5</sup>. O crescimento confirma uma estabilidade da epidemia, que desde 1996 vem se mantendo com a média nacional de 14 novos casos por ano, em cada grupo de 100 mil habitantes.

Em relação ao uso de preservativos, 64% da população sexualmente ativa disse ter usado ou estar usando o preservativo, nos últimos 12 meses. Sendo que, entre os jovens, esse percentual chega a 87%. Um dado que chama atenção é que 48% dos que disseram estar usando ou ter usado o preservativo o fizeram pela primeira vez nos últimos 5 anos, demonstrando uma adesão crescente na utilização desse método de prevenção. Dados da indústria dos preservativos demonstram que, em 1992, eram comercializados, no Brasil, 50 milhões de unidades/ano, chegando esse número a 300 milhões em 1998<sup>6</sup>.

Hoje no Brasil fala-se de comportamento de risco ou situação de risco. Situação de risco seria algum acidente envolvendo sangue, alguma transfusão que a pessoa não tinha certeza se estava devida-

5. Fonte: Ministério da Saúde. *Aids em mulheres cresce no interior*. Brasília, 2000.

6. Fonte: Ministério da Saúde. *A Aids no Brasil*. Brasília, 2000.

mente testado quanto ao vírus da Aids, algum contato de qualquer pessoa com o sangue. Segundo a Organização Mundial da Saúde, não existe mais grupo de risco e toda pessoa deve ser tratada como portadora do HIV em potencial. O cuidado deve ser geral. A maior via de transmissão no mundo é a relação sexual, principalmente pela infidelidade de parceiros. Muitas pessoas mantêm um relacionamento extraconjugal e não são maridos promíscuos.

No caso do Agnaldo foi diferente, mas estes dados reforçam a tese de que é preciso tomar muito cuidado com o nosso corpo. O menor descuido pode ser fatal. É preciso educar a população para a auto-estima, para o amor à saúde do corpo. Os evangelhos referem-se a idéia do amor ao próximo como a si mesmo. Então, em primeiro lugar é preciso amar a si mesmo. Não como uma atitude egoísta, mas como um amor co-responsável que transmite segurança a si mesmo e ao outro que convive do seu lado. Vivemos hoje nas nossas cidades grandes como se a vida não tivesse mais valor. Ela está perdendo a sua sacralidade, verdadeiro valor teológico. Banalizamos a vida em todos os sentidos, especialmente no seu valor moral máximo como Dom de Deus que deve ser preservado para a sua Glória. Precisamos reeducar as pessoas para se amarem mais, cuidando do seu corpo como se cuidassem de um templo sagrado. Com o mesmo amor com que adoramos Jesus na hóstia consagrada, devemos cuidar do nosso corpo pois, ele também é sacrário divino, altar religioso, morada do Pai. A teologia moral poderia dar uma grande contribuição neste sentido, recuperando a dimensão corporal como gratuidade do Pai e amor desmesurado que deve ser conquista de todos.

Neste sentido, é preciso desenvolver uma verdadeira educação moral da sociedade em dois sentidos: primeiro, educar a pessoa contaminada para que não se automarginalize e os seus amigos e parentes próximos para que não o marginalizem. A pessoa contaminada deve ser tratada com carinho. Acolhida como um filho. Agnaldo nos relatou que quando as pessoas souberam que estava contaminado imediatamente afastaram-se dele, como se a Aids fosse alguma doença contagiosa. Ele mesmo antes de contrair o vírus pensava assim. Foi preciso um longo processo de educação para que ele pró-

prio compreendesse o que é o vírus, como se contrai e como se transmite. Ele próprio teve dificuldades para entender. Mas depois que compreendeu passou a educar seus companheiros e amigos de clubes e festas mostrando a verdadeira realidade. Em segundo lugar, é preciso educar a sociedade para acolher a pessoa contaminada sem discriminação e preconceito.

Entretanto, a própria marginalização dos portadores do vírus dificulta esta educação. Ainda hoje em nosso país os portadores do vírus são vistos com desconfiança e preconceito. Grupos familiares, escolas, fábricas, comunidades religiosas ainda discriminam estas pessoas e as tratam com olhares de hipocrisia. A Ignorância ainda é muito grande em nosso país.

Para que esta educação ocorra é necessário criar mecanismos culturais e sociais onde os portadores do vírus e seus aliados sejam os protagonistas da educação. O Presidente da “Casa Esperança e Vida”, Roberto da Silva nos relata a sua experiência de forma traumática:

*Eu fiz um trabalho na SANASA (órgão ligado à Prefeitura Municipal de Campinas) há dois anos atrás, e junto comigo foi uma amiga viúva, muito bonita, portadora do vírus da Aids, vítima do marido. Durante a palestra ela paquerou um homem casado. Quando eu estava falando, o “quarentão” olhou para ela, para as pernas dela principalmente, e falou: ‘Que saúde!’ E eu fazendo a palestra enquanto ela paquerava o ‘quarentão’. No final ela pegou o microfone, levantou e deu seu depoimento. Aí, no dia seguinte, ele veio com a esposa aqui, ele chegou em casa, contou para esposa e tudo mais, e os dois vieram aqui em ponto de bala. E fomos conversar, fazer um aconselhamento. Ela veio aqui muito brava, porque ele contou para ela (até então eles nunca tinham conversado sobre a vida íntima deles). Aí começou a conversa. Os dois chegaram aqui discutindo, ela disse: ‘Se você passou para mim eu te mato!’ Aí fomos aconselhar os dois e ele me disse: ‘Olha, essa mulher aí está achando que eu sou promíscuo, que eu fico trocando de mulher como muito homem sem-vergonha que tem por aí, todo final de semana. Ela sabe que eu sou fiel a*

*ela, eu tenho uma amante também, sou fiel à minha amante também. E tem até uma campanha do governo que fala assim: Reduza o número de parceiros'. Aí eu disse: 'É, tem sim senhor!' Esse senhor é uma boa pessoa por sinal, vinte e dois anos de empresa, vinte e dois anos de casado. Nós o encaminhamos para fazer o teste de HIV e infelizmente deu positivo. Então ele me dizia: 'O que foi que aconteceu? A minha amante é uma ex-namorada que eu tenho. Ela é solteira até hoje, uma pessoa super caseira, não troca de parceiro. A minha esposa sempre foi fiel a mim'. Eu falei: 'Pensa nos últimos dez anos. A pessoa pode ficar com o HIV sem ter nenhum sintoma por 20 anos. Tem amigos meus com 16, 17 anos com HIV e que nunca tiveram nenhum resfriado até hoje. Pessoas, inclusive, de peso na sociedade'. Pois bem, aí ele falou: 'Puxa vida, mas é difícil eu lembrar agora dez anos atrás'. Eu falei: 'Deve ter tido um terceiro relacionamento neste meio do qual o senhor contraiu a doença'. Não tem vícios, não fuma, não bebe, nunca foi usuário de droga, mas infelizmente está acontecendo''.*

Este caso relatado pelo Roberto da Silva nos mostra que é possível despertar nas pessoas a sensibilidade para o problema, desde que seja feito um trabalho educativo de prevenção que toca no mais profundo das nossas relações sociais. Infelizmente em nosso país todo cuidado é pouco.

Creio que a Aids se coloca como um grande desafio para as Instituições religiosas e para a nossa Teologia Moral. Infelizmente em termos de moral sexual e de práticas pastorais relacionados com sexualidade em geral estamos profundamente atrasados. Nosso país “aparentemente” é muito liberal. Temos carnaval, praias bonitas, corpos bonitos expostos em todos os lugares, mas a sexualidade ainda é tratada como uma grande desconhecida. Educados durante muito tempo pela moral católica tradicional que moldou nossos comportamentos com um casuismo irresponsável, ainda estamos buscando uma educação sexual que realmente seja educativa e libertadora. Passamos por mudanças bruscas demais. Deixamos rapidamente esta moral “rigorista” que marcou nossos corpos e men-

tes durante muitos anos, para uma moral “laxista” que nos molda através dos veículos de comunicação de massa tão expressivos em nosso país nos últimos anos. Esta passagem não obedeceu as regras de uma prática dialogada com maturidade e eficiência, deixando perplexos e atônitos os protagonistas de uma Igreja que recuou com medo de todos e tudo. Enrincheirados num emaranhado de regras e leis que não sabem como dialogar com a globalização crescente no mundo atual, os cristãos se perdem sem saber ao certo por onde caminhar.

O Catecismo buscou normatizar, mas acabou repetindo velhos dogmas que não se imiscuem na realidade da maioria dos brasileiros. Segundo pesquisas<sup>7</sup>, o Brasil possui 156 milhões de brasileiros, dos quais 59% estão à margem de qualquer meio de ascensão social. O Papa João Paulo II esteve no Brasil em outubro de 1997 e deixou registrado seu pedido: “*As famílias brasileiras deveriam se unir cada vez mais em torno do Cristo Ressuscitado*”. Defendeu a indissolubilidade do matrimônio constituído, pregou a fidelidade entre os casais, atacou o aborto, defendeu o sexo dentro do casamento, o uso de contraceptivos naturais e apontou ainda a responsabilidade na educação dos filhos. As pesquisas apontadas mostram que existe uma grande distância entre o ensinamento oficial da moral católica e o comportamento cotidiano dos cristãos. De acordo com o DataFolha, em pesquisa sobre os “católicos e o comportamento”<sup>8</sup> (setembro de 97), 90% dos entrevistados afirmaram que são a favor do uso da camisinha para evitar a gravidez, 96% para evitar doenças como a AIDS, 47% afirmaram que a masturbação não é pecado e 31% que não é tão grave. Para 68% dos entrevistados a consciência é mais importante do que as normas da Igreja, apenas 27% seguem essas normas e 64% não acham o casamento religioso obrigatório. Podemos observar que as dificuldades para acompanhar a moral católica são muitas, especialmente nas famílias de baixa renda, que vivem nestas ocupações e acampamentos mal construídos. Só em Campinas (cidade com 1 milhão) vivem 136 mil pessoas em favelas. Mal con-

7. Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Especial, DataFolha, 13/06/97.

8. Fonte: Folha de São Paulo. Católicos e o comportamento. Caderno Especial. DataFolha, setembro de 1997.

seguem sobreviver, muito menos seguir corretamente as normas e orientações de suas Igrejas.

Insistimos, portanto, que o caminho de fato é a educação, não existe outro, mas que educação? Em nosso país, conhecemos várias iniciativas de educação sexual, cujas informações não passam de técnicas da anatomia e da fisiologia da genitalidade. Entendemos porém, que a educação sexual tem como princípio a sexualidade, não a genitalidade. A sexualidade que envolve o ser humano como um todo. Esta visão integral da pessoa humana deve ser o ponto de partida. Se perdemos de vista esta visão antropológica de homens, ser humano integral, não podemos estar fazendo a educação, simplesmente passando informações técnicas e não estar levando as pessoas a uma tomada de consciência e mudança de comportamento. Temos que partir dos valores: conhecimento, responsabilidade, respeito, honestidade, sinceridade, fidelidade.

Neste sentido, seria muito bom que o Ministério da Educação colocasse no currículo escolar uma disciplina chamada “educação para o amor”. Deveríamos começar a trabalhar os princípios afetivos. No Brasil adolescentes são estimulados à prática sexual sem ter passado pelas experiências do lidar com seus sentimentos. Se essas crianças e adolescentes são estimulados antes da hora, eles vão querer dar uma resposta. Por isso, hoje é muito comum em nosso país, uma adolescente de 12 anos grávida e um garoto de nove anos estar com sua vida sexual ativa, a todo vapor. Por que isso? Porque essa geração que está aí, está sendo estimulada antes do tempo, quemam-se etapas e tudo mais. Educação deve começar pela família. Não dá para delegarmos isso para a escola, não dá para delegar isso para o poder público. É a partir da família que isso começa. É necessário que o país volte os olhos para a reestruturação da família.

Podemos observar que é necessário uma revolução total na moral da Igreja Católica e da sociedade como um todo, para que possamos encontrar caminhos plausíveis de educação à prevenção da AIDS, transformando seus portadores em protagonistas primeiros.

## Bibliografia

FOLHA DE SÃO PAULO, *Caderno Especial, Pesquisa DataFolha*, 13/06/97.

FOLHA DE SÃO PAULO, *Católicos e o comportamento, Caderno Especial, DataFolha*, setembro de 1997.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, BARREIRA, Draurio, CARMEM, Dhalia, CASTILHO, Euclides Ayres, *A Aids no Brasil: situação atual e tendências*, Brasília, 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, *Aids em mulheres cresce no interior*, Brasília, 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, *A Aids no Brasil*, Brasília, 2000.

TRASFERETTI, José Antonio, *Teologia e realidade Social*, Campinas, Alínea, 1998.

VIDAL, Marciano, *A moral cristã no novo catecismo*, Petrópolis, Vozes, 1994.

*O Pe. José Antonio Trasferetti, Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, é Professor Titular do ITCR da PUC-Campinas, lecionando Antropologia Teológica, Moral Social e Ética e Política no Programa de Pós-Graduação em Filosofia.  
e-mail: trasferetti@uol.com.br*